

## UMA PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Fernanda Taís Brignol Guimarães<sup>1</sup>*

*Vinícius Oliveira de Oliveira<sup>2</sup>*

**Resumo:** Buscamos, neste artigo, avaliar o desempenho ortográfico de uma criança de 09 anos de idade, aluna do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Bagé/RS. Para tanto, nos valem dos estudos de Moraes (2008) e da aplicação do roteiro de observação ortográfica, proposta por Zorzi (1998). Ao final do trabalho, propomos uma atividade de intervenção pedagógica, a qual visa intervir de forma sistematizada no aprendizado da aluna, auxiliando-a na compreensão do funcionamento do sistema ortográfico brasileiro.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem da ortografia. Regularidades e irregularidades do sistema ortográfico brasileiro. Intervenção pedagógica.

**Abstract:** *ONE PURPOSE OF TEACHING-LEARNING BRAZILIAN PORTUGUESE ORTHOGRAPHY. We aim, in this article, to evaluate the orthographic performance of a child, at the age of 9, who is in the third year of elementary school at a public school located in Bagé- RS. The theoretical background is based in the studies of Moraes (2008) and the application of an orthographic observation guide, which was proposed by Zorzi (1998). At the end of this work, we propose an activity of pedagogic intervention in order to intervene in a systematized way in the student's learning for helping her comprehension of the running of Brazilian orthographic system.*

**Keywords:** *Orthography's Teaching-learning. Regularity and irregularities of Brazilian orthographic system. Pedagogical Intervention.*

Atualmente, existe uma grande discussão em relação ao ensino da língua materna, principalmente no que diz respeito ao ensino-aprendizagem da ortografia. Muitas escolas e grande parte dos educadores conduzem o ensino do sistema ortográfico de forma ineficaz, pois, para eles, aprender ortografia trata-se apenas de uma simples “decoreba”. Dessa forma, o papel da escola, que é o de ajudar o aluno e orientá-lo para que consiga vencer suas dificuldades, deixa um pouco a desejar quando o assunto é ortografia.

Sabemos que ensinar e aprender ortografia não se trata apenas de um simples ato de memorização da grafia convencional das palavras, já que, conforme Moraes (2008), os desvios ortográficos não podem ser tratados da mesma forma. Existem diferentes

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPel e bolsista CAPES. e-mail: fernandabage@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPel e bolsista CNPq. e-mail: vinioliveira91@gmail.com

desvios ortográficos, causados também por motivos diversos. Esses desvios apontam para diferentes níveis de conhecimento ortográfico em que o aluno se encontra, se mostrando como uma excelente ferramenta para auxiliar o professor no desenvolvimento de propostas pedagógicas que visem um ensino significativo e sistematizado da ortografia. Dito de outra forma, os aspectos sociolinguísticos são de fundamental importância para que as políticas linguísticas sejam ou não legitimadas.

O ensino da ortografia deve seguir alguns parâmetros, para assim atender às necessidades reais dos alunos quanto a suas dificuldades particulares de escrita. Os métodos de ensino da ortografia nas escolas, geralmente, não são pensados de acordo com as dificuldades de cada aluno individualmente e não o levam a refletir de forma sistematizada sobre as regularidades e irregularidades ortográficas do português brasileiro. Dessa forma, o aluno leva muito mais tempo para conseguir escrever ortograficamente.

Diante do que foi exposto, pretendemos, neste artigo, avaliar o desempenho ortográfico de uma criança, com idade de 09 anos e aluna do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Bagé/RS. Para tanto, nos valem dos estudos de Morais (2008) e de Zorzi (1998). Ao final do artigo, propomos uma atividade de intervenção pedagógica, que visa intervir de forma sistematizada no aprendizado da aluna, auxiliando-a na compreensão do funcionamento do sistema ortográfico brasileiro.

## **Referencial teórico**

Morais (2008) define a ortografia como uma convenção social cuja finalidade é ajudar a comunicação escrita. Para ele, o ensino da ortografia deve ser ministrado de forma sistemática, pois frequentemente a escola cobra do aluno que ele escreva adequadamente, mas cria poucas oportunidades para refletir com ele sobre as dificuldades ortográficas de nossa língua. Preocupado com essa sistematização do ensino da ortografia, Morais (2008) classificou os diferentes tipos de desvios ortográficos, como será visto a seguir.

Morais (2008) dividiu e classificou os desvios ortográficos, pois para ele é possível distinguir o que o aluno pode compreender e o que ele precisa memorizar. Para analisar os desvios ortográficos de um aluno, deve-se levar em conta que existem desvios causados por diferentes motivos, o que irá mostrar em que nível de

compreensão do sistema ortográfico o aluno se encontra. Segundo o autor, existem dois tipos de dificuldades ortográficas: irregularidades e regularidades.

Para o caso de irregularidade, não existe uma regra específica, o uso de uma letra é justificado apenas pela tradição de uso ou pela origem etimológica da palavra, o que faz com que o aluno tenha que memorizar de que forma se dá sua escrita. Como exemplo, podemos citar as palavras **hoje** e **cidade**, em que não existe nenhuma regra que explique o fato de grafarmos a palavra **hoje** com **h**, ou a palavra **cidade** com **c**.

Já no caso de regularidades, podemos prever a forma adequada de escrita de uma palavra, até mesmo sem nunca termos visto essa palavra antes. Isso se dá pelo fato de existirem regras ortográficas para escrita convencional dessas palavras. Como exemplo desse caso, temos as palavras **casa** e **quilo**. Sabemos que para obtermos o som do /k/ devemos empregar C diante de A, O e U, e QU diante de E e I. Portanto, para grafar adequadamente palavras como estas, não precisamos decorar e, sim, nos apropriarmos da regra ortográfica.

Segundo Morais (2008), existem três tipos de correspondências fonográficas regulares: regularidades diretas, regularidades contextuais e regularidades morfológico-gramaticais.

Regularidades diretas incluem as grafias P,B,T,D,F e V em palavras como “pato”, “bote”, ou “fivela”. Nessas palavras não existe nenhuma outra letra competindo com o P, com o B ou com o F, para grafar estes sons. É comum as crianças não terem muitas dificuldades para usar essas letras, porém podemos encontrar trocas dessas letras em uma etapa inicial da aprendizagem.

Regularidades contextuais são os contextos intralexicais que definem qual letra deverá ser usada. Como exemplo, temos a disputa entre o R e o RR, pois para o som de “R forte”, usamos R tanto no início da palavra (risada) como no começo de sílabas precedidas de consoante (genro). Para o mesmo som do “R forte” entre vogais sabemos que temos que usar RR (carro). E para registrar o outro som do R, que alguns chamam “brando”, usamos um só R, como em “careta”. Entre os casos de regularidades contextuais, estão também as marcas de nasalidade.

Regularidades morfológico-gramaticais são os aspectos ligados à categoria gramatical da palavra que estabelecem a regra: por exemplo, adjetivos que indicam o lugar onde a pessoa nasceu se escrevem com ESA, enquanto substantivos derivados se escrevem com EZA.

Se o professor tiver o conhecimento sobre as regularidades e irregularidades de nossa ortografia, ele saberá distinguir as diferentes causas do desvio ortográfico do aluno e assim poderá intervir de forma distinta no aprendizado deste, tornando o ensino sistemático.

Morais (2008) apresenta algumas pesquisas realizadas com crianças de diferentes anos escolares, tanto de escolas públicas quanto privadas. O objetivo dessas pesquisas foi verificar em que medida os desvios ortográficos e a escrita adequada dos alunos tem a ver com o nível de conhecimentos que eles elaboram internamente sobre a norma ortográfica.

Segundo o autor, o aluno reelabora em sua mente as informações sobre a escrita convencional das palavras, pois ele não é um mero repetidor passivo. Conforme esse processo de reelaboração das restrições da norma vai ficando mais sofisticado, mais o aluno torna-se capaz de escrever ortograficamente, já que seus conhecimentos sobre regularidades e irregularidades tornam-se mais conscientes.

A referida pesquisa consistiu, primeiramente, em aplicar três tarefas realizadas, em três momentos distintos. No primeiro dia foi aplicado um ditado que continha a maioria das correspondências letra-som regulares e irregulares de nossa língua. Um dia depois, Moraes (2008) propôs que as crianças escrevessem “errado” de propósito, para analisar em que nível de conhecimento ortográfico elas estavam, já que para transgredir uma regra é preciso conhecê-la. Num terceiro momento foram realizadas entrevistas com as crianças, com o objetivo de analisar se tinham elaborado um nível de conhecimento ortográfico a ponto de conseguir verbalizar as regras que violaram ou dizer em que casos não havia regras, de modo que era preciso decorar a grafia convencional.

A partir dessa pesquisa, o autor constatou que os alunos tiveram mais dificuldades nas correspondências letra-som irregulares e em escrever palavras de uso pouco frequente na língua escrita. Com relação ao rendimento dos alunos de escolas públicas e privadas, o autor constatou que os alunos de escolas públicas tiveram um rendimento ortográfico inferior ao dos alunos de escolas privadas. Os alunos da 4ª série da escola pública cometiam ainda muitos desvios em correspondências regulares de tipo contextual. Enquanto os alunos de escolas privadas cometiam mais desvios nas correspondências letra-som irregulares. Segundo Moraes (2008), isso se deve ao fato de as crianças de escolas particulares terem um maior contato com a língua escrita, que as de escolas públicas.

---

Os alunos com melhor ortografia conseguiram inventar muito mais desvios propositais, não só com relação à quantidade, mas quanto ao próprio grau de sofisticação dos desvios ortográficos inventados. Enquanto os desvios dos alunos com pior rendimento ortográfico não condiziam com dificuldades ortográficas, pois esses desvios eram com relação à omissão, acréscimo ou substituição de letras, os alunos com melhor desempenho inventaram desvios ortográficos, inclusive, com uma pronúncia semelhante a da palavra original. Com relação à entrevista, os alunos de escolas particulares também tiveram um melhor desempenho, pois os alunos de escolas públicas tiveram dificuldades até mesmo em explicar o que é um “erro” ortográfico.

Com base na pesquisa realizada, o autor conclui que o tempo de contato vivido com a escrita contribui para que o aluno se aproprie da norma ortográfica. E que o indivíduo não atua de forma passiva, mas reelabora mentalmente as informações que recebe do meio com relação à escrita convencional das palavras. Foi constatado que as crianças que possuem melhor ortografia têm também conhecimentos elaborados num nível mais alto, mais explícito sobre as regras e irregularidades da norma ortográfica do português. Outro dado fundamental, para Morais (2008), é o fato de que as ideias que a criança formula sobre escrever adequadamente dependem do modo como ela vivencia o ensino-aprendizagem da ortografia na escola.

## **Metodologia**

Os dados analisados foram coletados através da aplicação do roteiro de observação ortográfica, proposto por Zorzi (1998, pp. 112 - 113), que é composto de quatro atividades: ditado de palavras contendo a maioria das correspondências letra-som regulares e irregulares de nossa língua, ditado de frases, ditado de texto e por fim a proposta de uma redação de autoria da própria criança.

Com o objetivo de analisar o desempenho ortográfico de uma criança, foi aplicado o roteiro de observação ortográfica (ZORZI, 1998), com uma aluna do 3º ano do ensino fundamental de 09 anos de uma escola pública municipal da periferia da cidade de Bagé/RS. A aluna tem nove anos de idade e frequenta a mesma escola desde os cinco anos, idade em que cursou a pré-escola.

Todas as atividades que compõem o roteiro foram aplicadas em um único dia, por opção da própria aluna. Em alguns instantes a aluna sentiu-se um pouco cansada, porém preferiu realizar as atividades propostas em um único momento. Houve um

pouco de resistência na hora de produzir o texto de sua própria autoria, e, após ser motivada a realizar essa atividade, ela escreveu seu texto, porém o escreveu com apenas quatro linhas, recusando-se a escrever mais.

Ao final do trabalho, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica pensada a partir dos resultados obtidos com essa aluna, mas que pode ser aplicada com outras crianças que apresentem os mesmos tipos de dificuldades ortográficas, ou mesmo, adaptada para outros tipos de dificuldades no que diz respeito à escrita ortográfica das palavras. A proposta focaliza uma das dificuldades ortográficas apresentadas pela aluna, ou seja, a utilização adequada do “R”, consistindo, assim, em um jogo pedagógico que tem por objetivo o emprego adequado do “R”.

### **Análise dos dados**

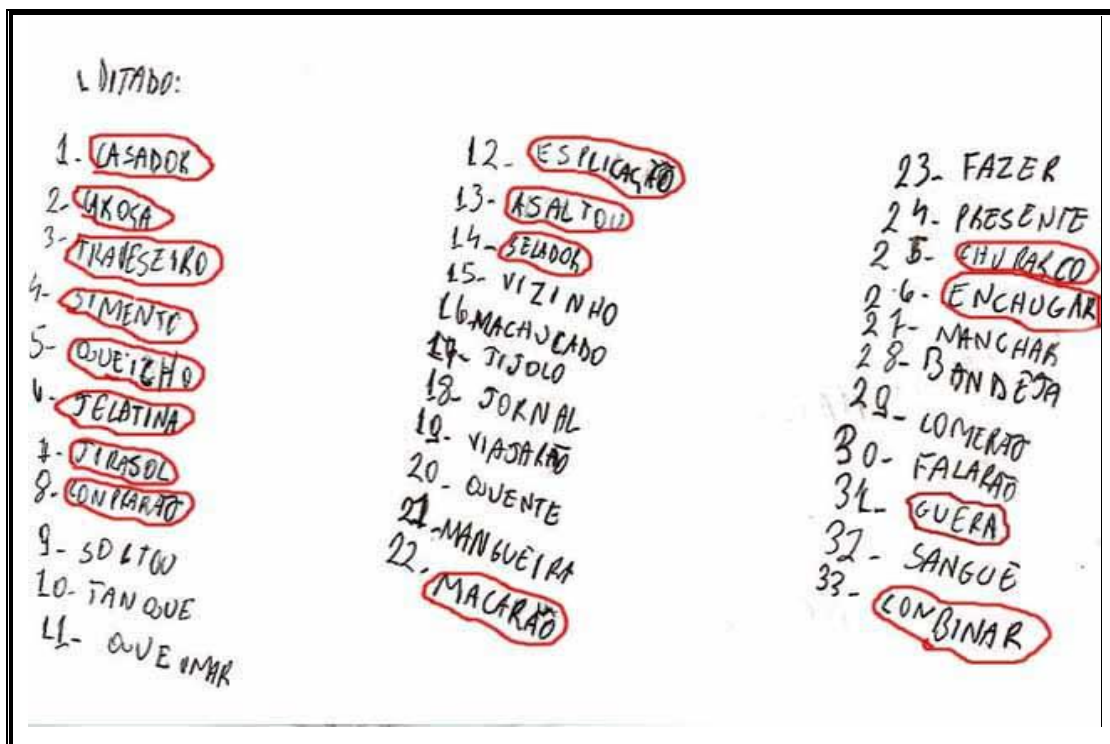
Ao iniciarmos o trabalho de aplicação do roteiro de Zorzi (1998), a aluna demonstrou nervosismo, principalmente em um momento em que errou e percebeu seu erro, então, ela perguntou se poderia corrigi-lo. Após ser informada que poderia corrigir seus erros quantas vezes fossem necessárias, ela demonstrou maior tranquilidade para desenvolver as atividades que lhe foram propostas.

A partir do roteiro de observação ortográfica, (ZORZI, 1998, pp. 112 - 113), foram aplicadas quatro atividades: ditado de palavras contendo a maioria das correspondências letra-som regulares e irregulares de nossa língua, ditado de frases, ditado de texto e, por fim, a proposta de uma redação de autoria da própria criança.

No ditado de palavras, como pode ser observado na figura 1, o sujeito apresentou os seguintes desvios ortográficos:

- a) 10 desvios de irregularidades da língua: “casador” – caçador, “traveseiro” – travesseiro, “simento” – cimento, “queicho” – queixo, “jelatina” – gelatina, “jirasol” – girassol, “esplicação” – explicação, “asaltou” – assaltou, “enchugar” – enxugar.
- b) 07 desvios de regularidades contextuais: “caroça” – carroça, “conpraração” – compraram, “selador” – zelador, “macarão” – macarrão, “churasco” – churrasco, “guera” – guerra, “conbinar” – combinar.
- c) 01 desvio de regularidade morfológico-gramatical: “conpraraõ” – compraram.

Figura 1 – Ditado de palavras

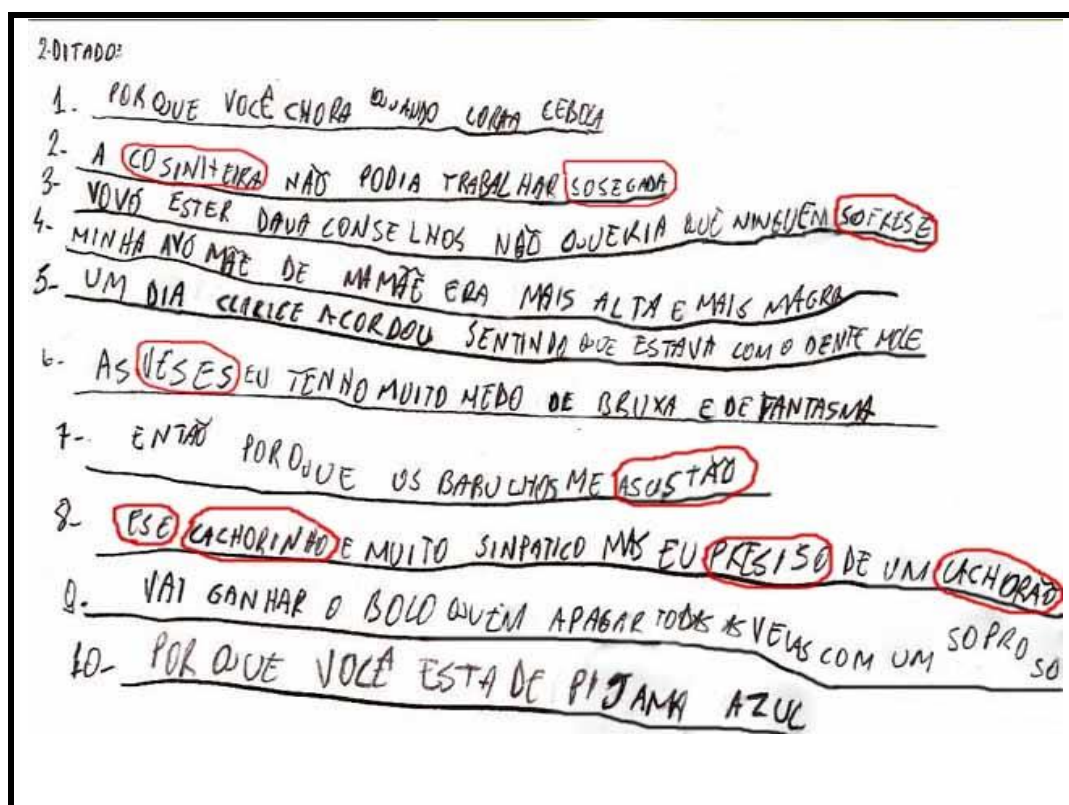


No ditado de frases, Fig. 2, o sujeito apresentou os seguintes desvios ortográficos:

- a) 07 desvios de irregularidades: “cosinheira” – cozinheira, “sosegada” – sossegada, “sofrese” – sofresse, “veses” – vezes, “asustão” – assustam, “ese” – esse, “presiso” – preciso.
- b) 02 desvios de regularidades contextuais: “cachorinho” – cachorrinho, “cachorao” – cachorrão.
- c) 01 desvio de regularidade morfológico-gramatical: “asustão” – assustam.



Figura 2 – Ditado de frases



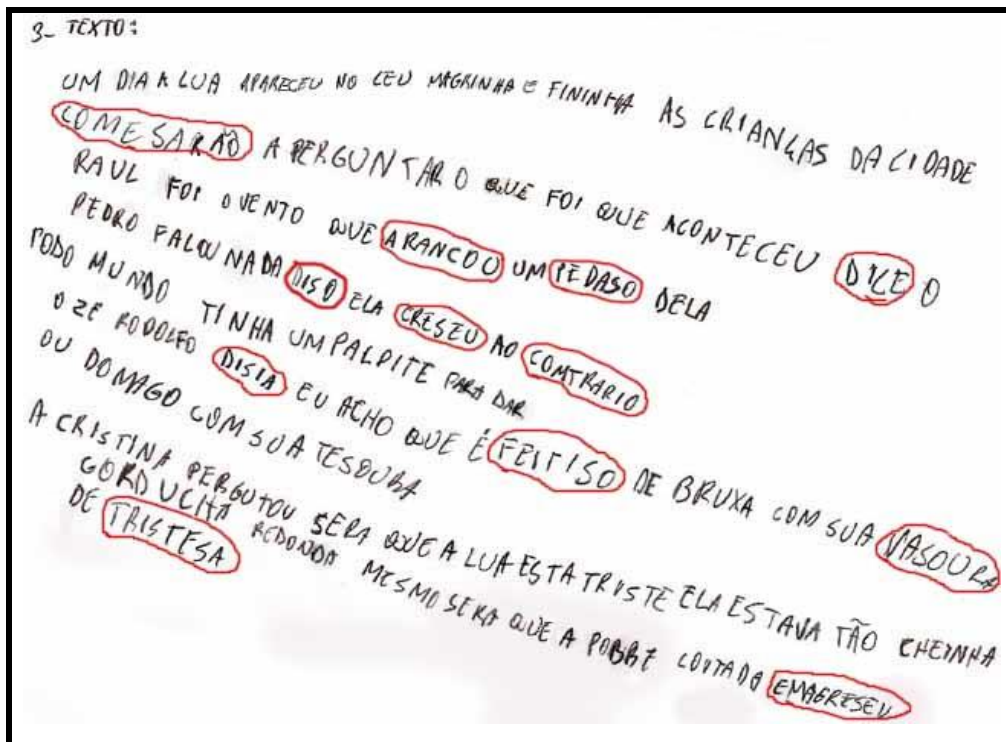
Percebeu-se, através do ditado de frases, que o sujeito ainda não tem conhecimentos sobre pontuação, pois não utilizou esse recurso da língua escrita em nenhum momento, nem sequer questionou sobre seu uso. Outro aspecto observado foi a omissão de acentos na escrita das palavras, o sujeito raramente utilizou acentuação.

No ditado de texto, Fig. 3, percebe-se os seguintes desvios ortográficos:

- a) 09 desvios de irregularidades: “comesarão” – começaram, “dice” – disse, “pedaso” – pedaço, “diso” – disso, “creseu” – cresceu, “disia” – dizia, “feitiso” – feitiço, “vasoura” – vassoura, “emagreseu” – emagreçeu.
- b) 02 desvios de regularidades contextuais: “arancou” – arrancou, “comtrario” – contrário.
- c) 02 desvios de regularidades morfológico-gramatical: “comesarão” – começaram, “tristesa” – tristeza.



Figura 3 – Ditado de texto

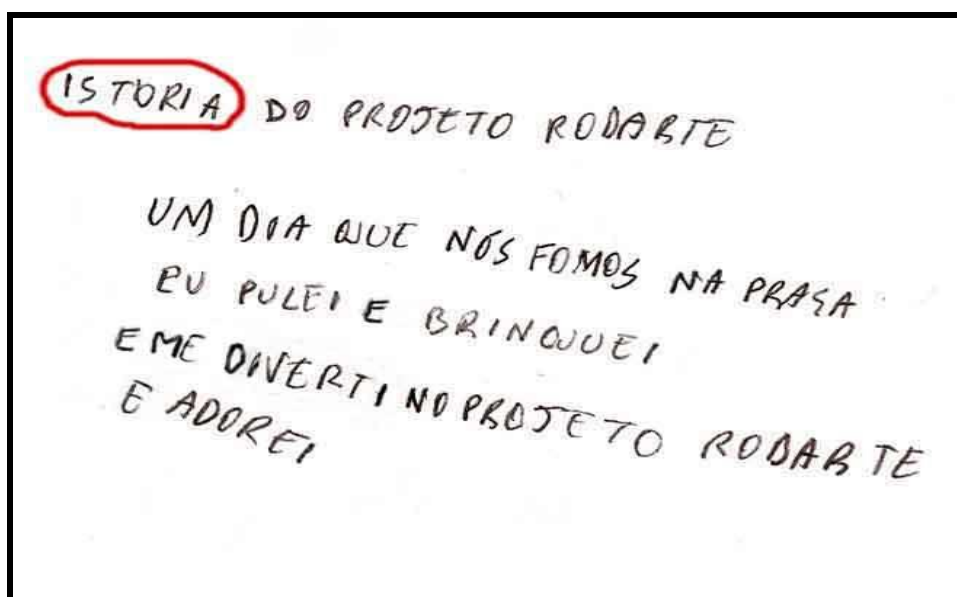


Assim como no ditado de frases, também no ditado de texto percebeu-se a ausência de pontuação e acentuação, além de falta de organização textual, ou seja, o texto não possui parágrafos nem trocas adequadas de linha.

Na produção de texto, Fig. 4, o sujeito apresentou apenas um desvio, certamente porque nessa atividade, diferentemente das anteriores, teve a oportunidade de escolher quais palavras iria utilizar, e, também, pelo motivo de ter escrito um texto pouco extenso.

a) 01 desvio de irregularidade: “istoria” – história.

**Figura 4 – Produção de texto de autoria da criança**



Conforme foi visto nos dados apresentados pelo sujeito, percebe-se que ocorreram muito mais desvios do tipo irregular, o que é perfeitamente compreensível, já que para as correspondências irregulares da língua não existem regras, e há várias letras competindo para a grafia da palavra, por possuírem o mesmo som. Porém, levando em consideração o fato de a aluna já estar no 3º ano, em que já é esperado o domínio das regularidades, será proposta uma atividade de intervenção pedagógica para o uso adequado do “R”, que se trata de uma regularidade contextual da língua.

### **Intervenção pedagógica**

Diante dos dados apresentados, propomos como atividade de intervenção pedagógica para o uso adequado do “R” a elaboração de um jogo pedagógico semelhante a um jogo de cartas comum. Esse jogo tem o objetivo de ajudar o aluno a compreender quando usamos R ou RR.

O baralho será composto de quarenta cartas: dez deverão conter as regras do uso adequado do “R” e trinta conterão as palavras que se encaixam a essas regras. Em um primeiro momento, as crianças serão divididas em cinco grupos. Por exemplo: grupo do R forte no início da palavra (cada contexto da palavra estará em uma carta para formar

um grupo). Após, as crianças deverão analisar os grupos formados e escrever estas regras em cartas em branco.

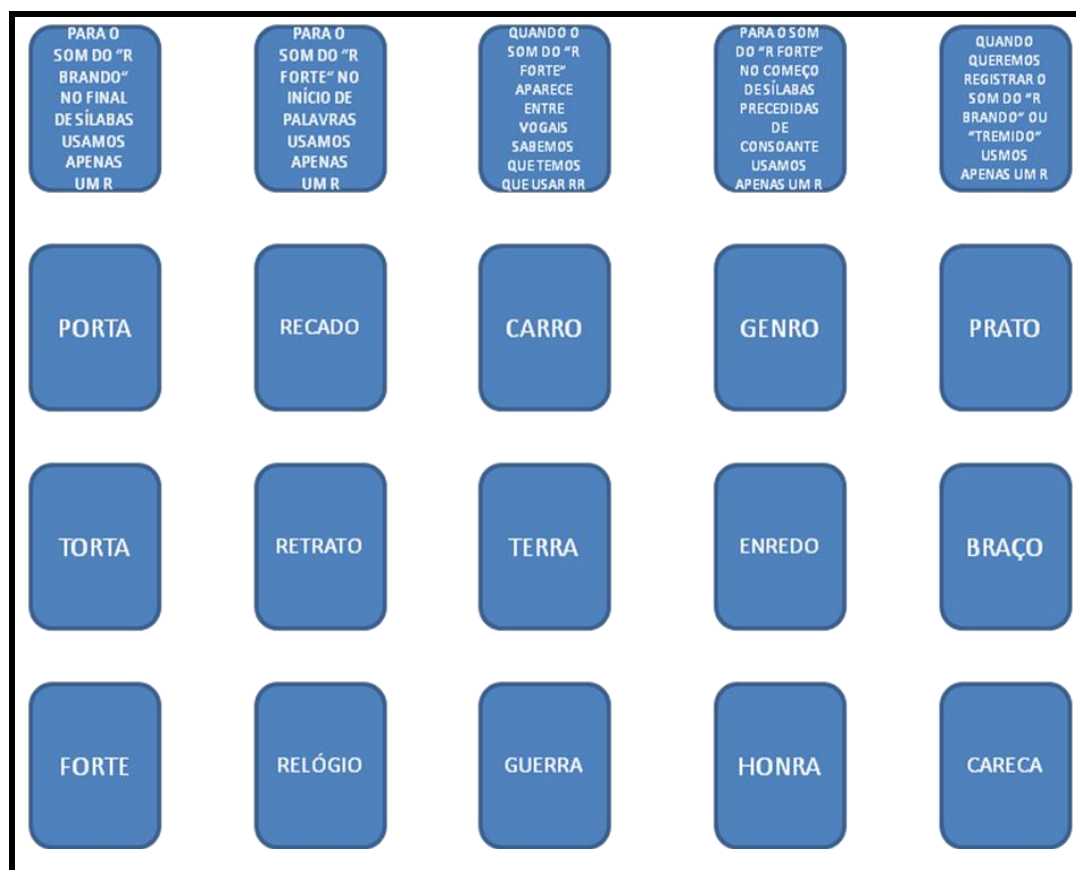
Como a turma será dividida em cinco grupos e cada grupo receberá uma carta contendo o contexto da palavra, para formar a regra, serão formadas cinco regras, logo, existirão duas cartas para cada regra e seis cartas contendo palavras que se encaixam a cada uma das regras.

### **Regras do jogo**

Em duplas, os alunos jogarão um contra o outro, cada componente da dupla receberá no início do jogo, cinco cartas, cada carta recebida conterá uma palavra que se encaixará a uma regra. Após receber as cinco cartas, um dos jogadores irá retirar uma carta do baralho e combiná-la a uma das cartas que já possui. Se a carta retirada do baralho não servir, ela poderá ser descartada e utilizada ou não pelo outro jogador.

Ganha o jogo quem conseguir formar primeiro cinco grupos de cartas compostos por uma regra do uso adequado do “R” combinada a três palavras que corresponda a essa regra. Na figura 5, pode ser observado um exemplo de como deverá ser formado o jogo do vencedor.

**Figura 5 – Jogo Pedagógico desenvolvido para o uso adequado do “R”**



### Considerações finais

A partir do que foi visto ao longo deste trabalho, podemos constatar que ensinar ortografia não se trata apenas de um simples ato de memorização da grafia convencional das palavras, e que os desvios ortográficos não podem ser tratados da mesma forma, pois um desvio pode nos mostrar em que nível de conhecimento ortográfico o aluno se encontra. A partir dos diferentes desvios ortográficos dos alunos, o professor poderá agir de forma distinta, e com isso tornar seu ensino sistematizado, como propõe Moraes (2008).

O ensino da ortografia deve ser direcionado às dificuldades reais de cada aluno, diferentemente do que tem sido feito na maioria das escolas, pois com métodos de ensino que não levam o aluno a pensar, que não geram uma discussão em torno do aprendizado, certamente não se conseguirá bons resultados no que se refere ao aprendizado do aluno.

Um ensino sem nenhum parâmetro, como vem sendo ministrado em muitas escolas, sem critérios para que o aluno consiga escrever ortograficamente, faz com que o aluno leve muito mais tempo para aprender ortografia, e que apresente dúvidas na hora de escrever ainda relacionadas às regularidades da língua, casos que podem ser resolvidos com o simples ato de apropriar-se de regras e a partir destas regras qualquer palavra mesmo desconhecida poderá ser escrita adequadamente.

Se os desvios ortográficos forem analisados de acordo com as regularidades e irregularidades da língua, será mais fácil para o aluno aprender a grafia convencional das palavras, pois ele saberá quando utilizar uma regra ortográfica para grafar adequadamente as palavras e quando precisará memorizar ou consultar o dicionário.

Conclui-se, então, que o ensino da ortografia deverá ser repensado, de forma a ajudar o aluno a aprender de maneira menos “dolorosa” a escrita convencional das palavras. Aprender ortografia poderá se tornar muito mais divertido para os alunos se o caráter de punição para aqueles que “não sabem escrever” der lugar à brincadeira. Além disso, como última consideração, vale também destacar a necessidade de que a Linguística tem de ser abastecida por outras áreas do conhecimento, com o objetivo de proporcionar melhores condições para que a educação da língua alcance o sucesso.

## **Referências**

- MORAIS, A. G.. *Ortografia: ensinar e aprender*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2008.
- ZORZI, J. L. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.